

PAULO FREIRE

educar para transformar¹

Carlos Rodrigues Brandão

Recado para quem vá ler este escrito

Este escrito, assim como todos os desta série, é um antigo ou um novo texto que escrevi. Em alguns casos pode ser o capítulo de um livro ainda vigente ou já esgotado. Em outros, um artigo de revista de novos ou velhos tempos. Em outros casos, um escrito nunca publicado e escrito para ser dialogado em encontros, simpósios e equivalentes.

Alguns foram revistos e atualizados. Outros não. Alguns têm ao final uma bibliografia completa, ou quase. Em outros ela está ausente.

Tal como todos os outros desta série, o propósito deste escrito não é em nada acadêmico. Ele serve a estabelecer diálogos entre pessoas e seu uso é livre, isto é, livremente co-responsável. Ele pode ser utilizado em diferentes situações. Pode ser citado no todo ou em parte. Pode ser incorporado a outros escritos, desde que lembrada a sua fonte.

Quem queira “entrar no texto” seja para torná-lo melhor, ou para co-participar dele está também convidado a tanto. Seremos co-autores/as.

Lembro que boa parte de tudo o que escrevi como livros está colocado em LIVRO LIVRE, no site: www.sitiodarosadosventos.com.br. Lá estão quase todos os meus livros de antropologia, de educação e de literatura que, livres de direitos editoriais, podem por igual serem livremente acessados, salvos, copiados, etc.

Em www.apartilhadavida.blogspot.com vários outros escritos meus podem também ser livremente acessados.

De tudo ficaram três coisas:

a certeza de que estava sempre começando,

a certeza de que era preciso continuar e

a certeza de que seria interrompido antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo,

fazer da queda, um passo de dança,

do medo, uma escada, do sonho,

uma ponte, da procura, um encontro.

Fernando Sabino

¹ Este trabalho foi escrito para o programa MEMÓRIA BRASIL, no ano dedicado a Paulo Freire., em nome do Instituto Paulo Freire. O livro original tomou o nome de Paulo Freire – uma fotobiografia, e se acompanha de inúmeras imagens de Paulo e companheiros e companheiras de vida e de trabalho. Agradeço as observações de Ana Maria Freire, na revisão de meu texto, assim como das pessoas do Instituto Paulo Freire.

índice

uma breve cena longe daqui

um menino do Nordeste à sombra das mangueiras

o professor Paulo Freire: o início de uma carreira

os bastidores e os fundamentos de uma nova pedagogia: a educação como prática da liberdade

Recife, Nordeste, Brasil: os começos da carreira e a criação de uma educação inovadora

os tempos do exílio: a pedagogia do oprimido

o retorno de um educador sem fronteiras: as pedagogias de Paulo Freire

educar para a vida, educar para o amor

andarilho da utopia e semeador da esperança

o que ler para conhecer mais e melhor a obra de Paulo Freire

uma breve cena longe daqui

Na verdade esta pequena cena de uma conversa entre três homens nunca aconteceu. Mas ela bem poderia haver acontecido. E, então, ela teria sido assim. No ano de 1970 três homens brasileiros estão sentados em um banco de uma praça em Paris. É um desses dias de outono e de um doce céu cinzento. Os três são pernambucanos. Dois são do Recife e um deles veio de Cajazeiras, no sertão.

Um deles está exilado na França e menos de três anos mais tarde irá falecer ali mesmo, em Paris. O outro é também um exilado pelo governo militar. Vive em Genebra, na Suíça, vai seguidamente à África e alguns anos mais tarde irá retornar com a família ao Brasil. O terceiro está na França de passagem. É um diplomata de carreira e um poeta já então bastante conhecido. Dos três é o único que pode entrar e sair de sua terra natal sem medos e sem problemas. Ei-los ali sentados: um médico e um advogado que se tornaram educadores, ao lado de um poeta que se tornou diplomata, e que em pelo menos um dos seus livros terá sonhado ser também um educador. O livro se chama *A Educação pela Pedra*.

O médico e professor é Josué de Castro. Os dois livros que o tornaram conhecido em todo o mundo sugerem que ele foi também um geógrafo atento à miséria do povo do Brasil e do

Mundo. Os livros são: *Geografia da fome e Geopolítica da fome*. O advogado e educador não exerceu o primeiro ofício sequer por um ano. Tal como o médico e o poeta, ele é também uma pessoa conhecida e querida no Brasil. Da mesma maneira como os dois colegas de banco de praça, ele se tornou um pessoa visível entre nós e em vários outros países por causa de seus livros. Um deles: *A Pedagogia do Oprimido* foi escrito já no exílio e foi traduzido para várias línguas de Ocidente e Oriente. Seu nome é Paulo Reglus Neves Freire. Mas o seu nome de vida e de livros sempre foi: Paulo Freire.

Sentados na praça de uma tarde de outono os três falam de Pernambuco, e há entre os dois exilados um sofrer de saudade que o poeta não precisa sentir. Conversam entre eles sobre imagens do Recife e dos sertões de Pernambuco. E é a pedido de Paulo que o poeta João abre um livro que tem nas mãos, e como não sabe de cor o seu próprio longo poema escrito entre 1954 e 1955, ele lê para os outros dois, duas ou três passagens. São trechos de um poema dramático com um estranho e sugestivo nome: *Morte e Vida Severina*, acompanhado de um subtítulo: *auto de natal pernambucano*.

Poucos anos o “auto” foi encenado por uma equipe de atores amadores da PUC de São Paulo. Foi apresentado em um festival internacional em Nancy, na França, e recebeu o primeiro prêmio. Ele narra um trecho da vida errante de um retirante dos sertões do Nordeste. Seu nome é Severino e ele migra sozinho de sua terra natal para o Recife. Quase ao final do auto, do alto de uma ponte de onde pensou jogar a vida e o destino no fundo do rio, o retirante conversa com “Seu José, mestre carpina”, um morador pobre dos os dois travam, o carpinteiro responde ao camponês desesperançado, dizendo que é bem melhor viver e lutar com as mãos do que deixar-se levar pela miséria da vida. O momento de diálogo entre os dois contém os versos mais lembrados do poema.

Diz Severino, o retirante:
*Seu José, mestre carpina,
 em que nos faz diferença
 que como frieira se alastre,
 ou como rio na cheia,
 se acabamos naufragados
 num braço do mar miséria?*

Responde o carpinteiro:

*Severino, retirante,
 muita diferença faz
 entre lutar com as mãos
 e abandona-las pra trás,
 porque ao menos esse mar*

*não pode adiantar-se mais*².

E é quando algumas mulheres chegam perto dos dois e anunciam a Seu José o nascimento de seu filho. Eles acorrem ao local a tempo de assistirem o filho recebendo alguns presentes de sucata, de outros vizinhos pobres como eles. E a seguir ouvem de duas ciganas profecias sobre o futuro de mais uma criança destinada ao mangue e à fome.

*Vou dizer todas as coisas
Que desde já posso ver
Na vida desse menino
Acabado de nascer.*

*Aprender a engatinha
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, com goiamuns,
e a correr lhe ensinarão
os anfíbios caranguejos
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo*³.

Os outros dois pernambucanos ouvem a leitura em silêncio, e é possível que Josué e Paulo murmurem algumas palavras, acompanhando a leitura do poeta em passagens que eles conhecem de memória. O médico então lembrará aos outros a imagem do poema que serviu de título a um dos seus livros: *Homens e Caranguejos*. E os três seguem conversando sobre a vida dos homens e das mulheres do povo do Nordeste: sua pobreza, sua miséria e o seu duro trabalho pelo pão ou o caranguejo de cada dia.

Falam também do Brasil daqueles dias de ditadura e de exílios. E Paulo Freire lembrará então os motivos de sua saída forçada do Brasil. Da mesma maneira como aconteceu com o médico, ele fora acusado de se haver dedicado à denúncia das causas sociais da desigualdade, da exclusão e da miséria. Nos livros de Josué e de Paulo o que se lê é a fome de comida, a fome de justiça e a fome de saber das pessoas que viviam e seguem vivendo a vida descrita em *Vida e Morte Severina*. Mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e idosos que não jamais poderiam ler o poema que lhes descreve a vida, por que não haviam aprendido a ler palavra alguma. Eram, então, em uma proporção enorme nos anos sessenta, os não-letrados, os iletrados, os analfabetos. Certamente muitos seriam como Severino-retirante. Homens que

² João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina – auto de natal pernambucano, Serial e Antes*, Rio de Janeiro, Editora Record, 1997, 3ª reimpressão, página 171.

³ Op. Cit. página 176.

deviam tudo o que aprenderam a saber e a fazer aos duros ofícios do trabalho com a terra seca do sertão.

E então Paulo Freire pede a João Cabral que leia uma outra passagem. Um fragmento anterior do poema, quando Severino pede emprego a uma mulher que ele vê na janela da casa de um povoado do meio de sua viagem. A mulher pergunta ao retirante o que ele aprendeu e sabe fazer. E ele responde. E ela retruca a cada resposta, dizendo que aquilo que ele sabe fazer, como um “lavrador de terra má”, tem pouca serventia por ali.

Ouçamos uma passagem da conversa dos dois.

...

Severino - S

*Pois fui sempre lavrador,
Lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.*

A mulher - M

*Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavar;
mas digam-me, retirante
que mais fazia por lá?*

...

S

*Sei também tratar do gado,
entre urtigas pastorear:
gado de comer no chão,
ou comer ramas no ar.*

M

*Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, Oxalá!
Mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?*

S

*Em qualquer das cinco tachas
De um bangüê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.*

M

*Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já,
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?*

S
*Ali ninguém aprendeu
outro ofício ou aprenderá:
mas o sol, de sol a sol
bem se aprende a suportar.*

M
*Mas isso então será tudo
Em que sabe trabalhar?
vamos, diga, retirante,
outra coisas saberá.*

S
*Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
Comer, quando havia o quê
E, havendo ou não, trabalhar⁴.*

Imaginemos os três amigos conversando ainda por algum tempo. Podemos acompanhá-los do banco da praça à mesa de um bar próximo, onde entre um café e um copo de água eles terão se despedido, sem saber que nunca mais se veriam.

Guardemos na lembrança alguns verbos lidos no poema de João Cabral. Eles farão parte importante na vida e no trabalho de Paulo Freire: *nascer, caminhar, lavrar, trabalhar, lutar, aprender, saber*.

Quem foi este homem proibido de viver em sua Terra Natal por tanto tempo, por haver defendido, como um educador, os pobres e oprimidos? Quem foi este educador que ao longo de sua vida recebeu uma variedade enorme de prêmios e honrarias nos países onde viveu, e nos inúmeros países aonde a repercussão de sua obra chegou com a tradução de seus livros? Quem foi este homem criador de idéias de uma pedagogia não apenas nova, como tantas, mas verdadeiramente renovadora? Uma educação pensada para algo mais do que ensinar o trivial de um saber de ajustamento à vida social. Uma educação voltada a formar mulheres e homens capazes de se transformarem, transformando também o mundo em que vivem. O que ele aprendeu e o que ensinou? O que ele fez, afinal, para que seja hoje considerado em todo o mundo como um dos mais importantes educadores de toda a história humana?

⁴ Op. Cit. páginas 154 a 156.

Um menino do Nordeste à sombra das mangueiras

A passagem atribuída a Fernando Sabino que escolhemos como a epígrafe deste livro, não está aqui apenas porque sugere uma bela poesia. Ele aqui está porque bem poderia ser um lema da vida da pessoa de quem estaremos falando: Paulo Freire. Ele viveu, aqui no Brasil e longe daqui, uma vida que oscilou entre grandes esperanças e duros momentos de desalento. Entre o começo de grandes projetos e a experiência de vê-los destruídos um pouco adiante. Uma vida de educador onde cada aparente queda foi apenas o ensaio para um outro passo de dança. Ou mesmo o passo ousado que prepara um novo vôo.

Quando alguns anos antes de sua morte alguns educadores reunidos à volta de Moacir Gadotti, foram propor ao professor Paulo Freire a idéia de criar um centro de estudos, pesquisas e difusão de experiências de educação popular, com o seu nome e dedicado a ele, Paulo ouviu atentamente a proposta. Ouviu-a com atenção, como sempre costumava fazer frente a outras pessoas, calou por um instante e, depois, respondeu assim: “se for para ir além de minhas idéias, façam; se for apenas para repetir o que eu já disse, não vale a pena. Desistam”. O *Instituto Paulo Freire* existe em São Paulo, e é um entre os muitos espalhados por vários estados do Brasil e países do mundo.

Esta breve passagem esboça a maneira de ser de um homem e um educador que costumava dizer a seu respeito que sempre pensava e sentia como uma “pessoa conectiva”. E o que há de ser uma pessoa conectiva, segundo a imagem que ele gostava de fazer sobre si mesmo? A primeira idéia que vem à mente é a de um alguém: “e”. Isto mesmo: a conjunção “e”. A menor palavra dita ou escrita para aproximar uma coisa de outra, uma pessoa de uma outra: “eu e você”, ou “você e eu”. A menor palavra que empregamos para somar, para acrescentar, para criar vínculos, para estabelecer interações, para pensar e viver em equipe, para fundar o diálogo, para pensar a vida e mudar o mundo⁵. “E” e “entre”, duas caras palavras para um homem sonhador do amor e do diálogo entre pessoas, povos e pensamentos.

O educador pernambucano cujas imagens e palavras povoam este livro soube sempre com sobras as idéias em geral esquecidas nos livros sobre a educação. Ele lembrou a vida inteira que educar é aprender a saber lançar no chão fértil dos sentimentos e da consciência de uma outra pessoa, a semente que desde agora e mais adiante germine em sua inteligência e no seu coração o desejo de partilhar com os outros a experiência conectiva do diálogo em favor da

⁵ Moacir Gadotti testemunha sobre um “Paulo Freire conectivo” no CD editado em Português pela Rádio Nederland, da Holanda. Esta emissora de um país europeu dedicou cinco programas com preciosos depoimentos a respeito da vida e da obra de Paulo Freire. Vários depoimentos são ditos, de viva voz, pelo próprio Paulo. Informações sobre este CD, que tomou o nome: *o andarilho da esperança*, podem ser obtidas no *Instituto Paulo Freire*, em São Paulo.

esperança da sempre possível construção de um mundo de partilha solidária e amorosa da justiça, da liberdade, da igualdade e da felicidade.

Ele sabia, e tornou-se um fervoroso do princípio pedagógico vindo de Aristóteles, o filósofo, de acordo com o qual *ensinar* não é o mais importante. O mais importante é *aprender*. Aprender e saber seguir aprendendo, mesmo quando já se é um professor e já se ensina, eis a maior sabedoria de um educador. Eis o que Paulo aprendeu desde cedo, quando era ainda um jovem professor no Recife e em de longe imaginava o que haveria de ter pela frente.

Ele nasceu em 19 de setembro 1921. Uma primeira grande guerra mundial havia recém-acabado. Não seria a última e jovem ainda ele viveu o começo e o fim de uma outra grande e sangrenta guerra, iniciada entre 1939 e 1940. Neste ano de 2005 os povos da Terra lembram o seu fim, em maio de 1945.

Paulo Freire viveu os momentos iniciais do período mais importante e mais criativo de sua vida de educador, entre os anos finais da década dos 50 e o começo dos anos 60. Os “anos sessenta” a “década que não acabou”, tais e tantos os eventos que no Brasil e no mundo inteiro marcaram nossas vidas e a do planeta para sempre. O Concílio Vaticano Segundo. A vitória da Revolução Cubana. A revolta dos estudantes em Paris. O começo de um intenso tempo de mobilização popular no Brasil e na América Latina. O tempo dos *movimentos de cultura popular* no Brasil e da criação das primeiras experiências de uma *educação libertadora*. O golpe militar de 1964. A morte, o sofrimento, o exílio de tantas mulheres e tantos homens – Paulo Freire e sua família entre eles. A breve estância na Bolívia, exilado. O Chile da *Aliança Popular* e, depois, já nos 70, o outro golpe militar e um segundo exílio na vida de Paulo. A breve passagem da família exilada pelos Estados Unidos da América. O convite do *Conselho Mundial das Igrejas* e a longa vivência da Europa. Na verdade, uma vivência de todo o mundo. Pois através deste trabalho de educador, Paulo descobre a África e se envolve intensamente com países pobres, depredados, destruídos, desesperados mas, enfim, livres de serem uma colônia.

Depois da “descoberta do mundo” e de seu criativo envolvimento com educadores de todos os continentes, o retorno ao Brasil. O re-encontro com a universidade. Mas, acima de tudo, a re-descoberta dos rostos e das lutas sempre vivas do povo brasileiro. A experiência inesquecível como secretário de educação em São Paulo. Os novos vínculos de serviço e de fidelidade aos movimentos sociais populares, que faziam renascer no homem de setenta e vários anos, o fervor dos tempos em que o jovem educador nordestino vinculou-se ao *Movimento de Cultura Popular do Recife*. E tudo isto aconteceu depressa, entre algum dia de 1961 e um outro, em 1997.

Paulo era um dos quatro filhos de um pai de pequena patente militar e de uma mãe costureira e bordadeira. Ele viveu a infância e juventude em uma família nunca pobre em extremo, mas “de poucas posses”, como era costume dizer-se então. Uma vocação para o magistério e tudo o que se vivia entre o quadro-negro e a fileira as carteiras de uma sala de aulas, seria precoce no menino Paulo. Antes mesmo de começar os seus estudos escolares aprendeu a ler e escrever com os pais e por conta própria. Moacir Gadotti descreve assim este primeiro aprendizado.

Paulo Freire aprendeu a ler com os pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasceu. Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua infância, palavras de sua prática como criança, de sua experiência, e não da experiência dos pais, fato que influenciaria seu trabalho anos depois. Seu giz, nessa época, eram os gravetos da mangueira em cuja sombra aprendia a ler, e seu quadro-negro era o chão⁶.

A metáfora de um menino do começo do século XX aprendendo a ler e a escrever com rabiscos de gravetos sobre a terra dos fundos de um quintal será também a lembrança da vinda inteira. Anos mais tarde, quando já era então um “cidadão do mundo”, é ao quintal e às árvores e outros seres da vida de sua infância que ele se volta logo nas primeiras páginas de um pequeno livro auto-biográfico e que, não por acaso, recebeu este nome: *À Sombra desta Mangueira*. Deixemos que ele fale.

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço de seus cantares.

...
Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro não-eu geográfico pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dada, uma bem-amada mãe negra que, menina ainda, se juntar à família nos fins do século passado. Foi com esses diferentes não-eus que eu me constituí como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante

...
Em certos momentos, a amorosidade pelo nosso quintal se estende a outros e termina por se alojar numa área maior a que nos filiamos e em que deitamos raízes, a nossa cidade.

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela⁷.

Como acontecia com muitos meninos de seu tempo, Paulo Freire começou os seus estudos em uma pequena escola na casa da própria professora. Eunice era o seu nome, e ele

⁶ Moacir **Gadotti**, *Convite à leitura e Paulo Freire*, 1989, Editora Scipione, São Paulo. Página 20

⁷ Paulo **Freire**, *À sombra desta mangueira*, 1995, Editora Olho D'Água, São Paulo, páginas 24 e 25. Grifos do próprio autor.

dedicou doces páginas de lembranças a ela. Estudou com ela apenas por um ano e aos oito anos de idade mudou-se com a família, empobrecida às vésperas da crise de 1929, para a cidade de Jaboatão, ao lado de Recife. Paulo Freire perdeu o pai quando tinha treze anos, e este foi um outro motivo pelo qual atrasou-se em seus estudos do “curso primário” e apenas aos dezesseis anos ingressou no “curso ginásial”.

Eu fiz a escola primária exatamente no período mais duro da fome. Não da “fome” intensa, mas de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado. Quando terminei meu exame de admissão, era alto, grande, anguloso, usava calças curtas, porque minha mãe não tinha condições de comprar calças compridas. E as calças curtas, enormes, sublinhavam a altura do adolescente. Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano do ginásio com 16 anos. Idade com que meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na faculdade. Fiz esse primeiro ano de ginásio num desses colégios provados, em Recife: em Jaboatão só havia escola primária. Mas minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir o colégio que me recebesse com bolsa de estudos. Finalmente encontrou o Colégio Oswaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluizio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma senhora extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender o pedido de minha mãe. Eu me lembro que ela chegou em casa radiante e disse: “Olha, a única exigência que o Dr. Aluizio fez é que você fosse estudioso”⁸.

O professor Paulo Freire: os começos de uma carreira

Ao lado das dificuldades enfrentadas para completar os seus estudos e começar a sua carreira, Paulo Freire cedo iria descobrir uma das vocações que o acompanhariam por toda a vida: o mistério da palavra. Entre os anos da adolescência e os da juventude ele dedicou-se por conta própria a estudos de filologia e de filosofia da linguagem. Antes mesmo de completar o seu curso na *Faculdade de Direito do Recife*, Paulo Freire já lecionava gramática portuguesa. Anos mais tarde ele demarcou o período da descoberta de sua vocação como um educador.

Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão⁹.

Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-lo. Comecei a dar aulas muito jovem, é claro, para conseguir dinheiro, um meio de vida; mas quando comecei a lecionar, criei dentro de mim a vocação para ser um professor.

Eu ensinava gramática portuguesa, mas comecei a amar a beleza da linguagem. Nunca perdi essa vocação.

⁸ Este depoimento foi publicado originalmente na revista *Ensaio*, n. 14, de 1985. Está na página 5. Foi depois republicado em *Paulo Freire – uma biobibliografia*, um grande e completo livro sobre a vida e as ideias de Paulo Freire, organizado por Moacir Gadotti e publicado pela Editora Cortez, de São Paulo, em parceria com o Instituto Paulo Freire e com a UNESCO. O livro teve a sua primeira edição publicada em 1996.

⁹ Paulo Freire, *Essa escola chamada vida*, 1985, Editora Ática, São Paulo. Livro escrito em parceria com frei Betto. Página 8.

...
*Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito*¹⁰

Formado em direito pela *Universidade do Recife*, não exerceu a profissão de advogado por mais de um ano. A mesma universidade de Pernambuco mais tarde o acolheria como professor.

Em 1944 casou-se com Elza Maria Costa de Oliveira. Elza era também professora e sua contribuição ao que, anos mais tarde, veio a ser o *Método Paulo Freire de Alfabetização*, não foi pequena. Entre Recife, Jaboatão, o Rio de Janeiro, Brasília, as cidades dos países do exílio e, após o retorno, São Paulo, Paulo e Elza viveram juntos quarenta anos. Ainda no Nordeste tiveram dois filhos e três filhas, e elas seguiriam a vocação dos pais, tornando-se professoras.

Durante oito anos o professor Paulo trabalhou no *Setor de Educação do SESI do Recife*. Partindo de suas próprias vivências como um estudante em boa medida autodidata, como um participante da *Ação Católica* e como um educador já então inteiramente aberto às novas tendências pedagógicas do pós-guerra, Paulo Freire abriu-se a um trabalho de formação de educadores de crianças, e de círculos de diálogos entre professores e pais de alunos.

*Anos depois, no Recife, quando trabalhava no Serviço Social da Indústria, SESI, passei uns quinze dias visitando diariamente morros e córregos das áreas populares. Entrei em tantas escolinhas populares quantas encontrei para conversar com professores ou professoras. O autoritarismo permanecia. Encontrei várias palmatórias onde se achava escrito, a canivete: “acalma coração”*¹¹.

Quando Paulo Freire deixa o *SESI* em 1948, o Brasil e o mundo começam a viver, entre o final da Segunda Guerra Mundial e a década dos anos cinquenta, uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas cujas raízes na educação e cujos efeitos sobre a educação, em boa parte explicam os rumos tomados por ela e as escolhas feitas por Paulo Freire.

Depois da brevíssima carreira como advogado e depois da fecunda experiência do início de sua vida como professor de escola e como educador junto ao *SESI*, Paulo Freire está pronto a viver pensar e viver trabalhos do que mais tarde veio a ser chamado de *cultura popular* e *educação popular*. Era então o final da década dos anos quarenta.

¹⁰ Este depoimento está em um livro em que Paulo Freire conversa com uma professora chamada Ira, na página 38. Republicado em *Paulo Freire – uma bibliografia*.

¹¹ Paulo Freire, *Cartas a Cristina – reflexões sobre minha vida e minha práxis*, 2003, Editora da UNESP, São Paulo, página 86.

Os bastidores e os fundamentos de uma educação como prática da liberdade

Relembremos alguns cenários do mundo e do Brasil.

Os anos do “pós-guerra” testemunharam o crescimento da oposição entre hegemonia dos Estados Unidos da América do Norte, junto a seus aliados europeus e as nações neocolonizadas do Terceiro Mundo de um lado e, do outro, a da União Soviética e de outras nações submetidas ou incorporadas ao regime comunista. A polarização das divergências entre dois projetos ideológicos, políticos e econômicos envolveu um mundo saído de uma terrível guerra mundial em uma “guerra fria” que em alguns momentos ameaçou desaguar em um novo e arrasador conflito armado.

Mas aqueles foram também os anos do re-começo de um processo de descolonização, sobretudo na Ásia e na África, a começar pela independência da Índia, liderada pelo Mahatma Gandhi, cuja influência sobre o pensamento de Paulo Freire não foi pequena. Novos países e novas alianças surgiam em um mundo que por toda a parte oscilava entre movimentos de libertação e golpes militares; a emancipação de nações e de grupo humanos e a submissão de outros ao autoritarismo de poderes despóticos, internos ou estrangeiros.

E não foi apenas a experiência de regimes socialistas na União Soviética e na Europa de Leste que não produziu os resultados sociais esperados. Também o capitalismo, principalmente quando visto desde o Terceiro Mundo, resultou em um ambicioso e vago projeto não menos desigual, autoritário e expropriador. A promessa de sociedades e de uma humanidade de abundância, justiça e liberdade, como fruto do desenvolvimento e da expansão do capitalismo, sustentado por aplicações tecnológicas das crescentes descobertas científicas e por uma racionalidade empresarial a ser estendida a todos os povos, resultou no seu quase oposto para a maioria das nações e dos povos da Terra.

Nos últimos trinta anos, justamente num período que envolve os anos de mais intensa atividade de Paulo Freire, a riqueza produzida pelo trabalho humano em todo o planeta aumentou cerca de 10 vezes. Enquanto isto aconteceu, a população de homens e de mulheres apenas dobrou sobre a face da Terra. Mas o enriquecimento de nações e povos como o resultado desta equação foi e segue sendo extremamente desigual. Foi assim nos anos do pós-guerra, segue sendo assim nos dias de hoje, e nada indica que situações como as denunciadas por Josué de Castro, Caio Prado Junior, Marilena Chauí, Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Paulo Freire e outros pensadores de nossa era, tenderá a reverter o seu rumo.

Hoje, os países do Norte e do Primeiro Mundo concentram 13% da população do planeta, a quem cabe cerca de 87% dos recursos financeiros e dos bens que estabelecem uma

qualidade de vida. Na outra metade de uma humanidade tornada a cada dia mais desigual, cerca de 87% dos habitantes do “Sul” e do Terceiro Mundo repartem menos de 13% dos bens produzidos pelo trabalho. A acumulação de bens e de capital reforça este processo de desigualdade e expropriação, pois neste mesmo período a parcela de riqueza produzida e apropriada pelos países ricos aumentou de 68% para 72%, na mesma medida em que sua população decresceu de 32% para 23% do total da humanidade. Em termos mais precisos, nos anos em que o professor Paulo Freire começou a levantar a sua voz em favor de uma educação destinada a gerar pessoas capazes de transformarem suas vidas e seus mundos de vida, a parcela de riqueza concentrada nas mãos de pessoas e de grupos mais ricos cresceu de 72% para 83%, enquanto a que ficou nas mãos dos 20% mais pobres caiu de reduzidos 2,3% para 1,4%¹².

Comentando, anos mais tarde, o cenário de um mundo em que a distribuição desigual da riqueza do Mundo aumenta a cada dia, a cada ano, a cada década o fosso que separa “ricos e pobres”, Paulo Freire escreve em seu livro *Pedagogia da Esperança*.

Me sinto absolutamente em paz ao entender que o esfacelamento do chamado “socialismo realista”, de um lado, que foi o socialismo mesmo que se revelou inviável; de outro, que o capitalismo se afirmou definitivamente na sua excelência.

Que excelência é essa que consegue “conviver com mais de um bilhão de habitantes do mundo em desenvolvimento que vivem na pobreza”, para não falar, na miséria. Para não falar também na quase indiferença com que convive com bolsões de pobreza e “bolsos” de miséria no seu próprio corpo, o desenvolvido. Que excelência é essa, que dorme em paz com a presença de um sem-número de homens e mulheres cujo lar é a rua, e deles e delas ainda se diz que é culpa de na rua estarem? Que excelência é essa que pouco ou quase nada luta contra as discriminações de sexo, de classe, de raça, como se negar o diferente, humilhá-lo, ofendê-lo, menosprezá-lo, explora-lo fosse um direito dos indivíduos ou das classes, ou das raças, ou de um sexo em posição de poder sobre o outro. Que excelência é essa que registra nas estatísticas, mornamente, os milhões de crianças que chegam ao mundo e não ficam, quando ficam, partem cedo, ainda crianças e, se mais resistentes, conseguem permanecer, logo do mundo se despedem?¹³

E os indicadores da desigualdade entre nações, e entre grupos humanos e classes sociais da imensa maior parte das nações do mundo são igualmente evidentes e inquestionáveis, na América Latina e aqui no Brasil.

Nosso país vive no pós-guerra em efêmero processo de democratização, entre o regime do Estado Novo e os governos militares instaurados pa partir de 1964. São anos que assistem projetos de industrialização e desenvolvimento socioeconômico, entre a promessa de

¹² Estes dados foram tomados do *Relatório do desenvolvimento humano*, publicado em 1992 pelo PNUD, da ONU, em Nova York.

¹³ *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 10ª edição, Editora Paz e Terra, São Paulo. Pgs. 94 e 95.

“50 anos em 5 anos” e a ilusão do “milagre brasileiro”. É também o tempo, sobretudo na década dos sessenta, da crítica teórica da sociedade dualista, de que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso será um dos principais porta-vozes, e do nacionalismo-desenvolvimentista. De fato, a partir de meados dos anos cinquenta alguns indicadores de modernização do Brasil são evidentes, mas em muito pouco eles representam uma efetiva mudança no quadro geral das desigualdades, das exclusões, da subserviência popular e, em síntese, da persistente reiteração das injustiças sociais.

Este é o cenário dos grandes acontecimentos em escala mundial, continental e nacional. É a partir da sua leitura crítica que Paulo Freire começará a pensar e propor uma outra forma de praticar a educação.

Há um engano em pensarmos que foi apenas através da crítica social de seu tempo, como olhar de quem compreende o mundo a partir do Brasil e da América Latina, que Paulo Freire integrou-se ao *Movimento de Cultura Popular* do começo dos anos sessenta, e desde dentro dele, tornou-se o criador não apenas de um método de alfabetização, mas de toda uma nova e inovadora proposta para o ato de educar.

Aqui no Brasil, por toda a América Latina e em todo o mundo, os anos entre a década dos anos cinquenta e a dos anos noventa assistem também ao re-surgimento e á explosão dos movimentos sociais e, de maneira especial, dos movimentos populares. São tempos de uma intensa atividade cultural e política de teor emancipatório em todo o planeta. Novas idéias surgem a todo o instante. Novas formas de organização e de mobilização social das mais diferentes categorias culturais de atores sociais. Novas teorias a respeito de tudo. Novas propostas de construção social do presente e do futuro, a partir novas idéias, ou a partir de um novo olhar sobre antigas idéias a respeito da pessoa humana, de sua cultura e dos fundamentos e processos de sua vida social. Outras interpretações sobre a lógica do capitalismo e as contradições sociais de nosso tempo.

Novas e contestadoras alternativas de ação social, ao lado de uma intensa atividade de organização e de ações populares, entre sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais. Novas e múltiplas frentes de lutas e novas causas sociais, como as dos povos indígenas, dos movimentos negros, das lutas pelos direitos das mulheres, das minorias esquecidas e das maiorias silenciadas. Novas práticas sociais de ação comunitária, algumas delas incentivadas pela própria ONU. À esquerda e à direita, novas propostas de desenvolvimento socioeconômico e, no limite, de transformações nas estruturas de gestão de poder social, submetidas a diferentes e, não raro, antagônicos projetos políticos.

No campo e na cidade os trabalhadores começam a viver um novo momento de organização e de mobilização. As *Ligas Camponesas* do Nordeste serão o melhor exemplo disto. Em outra direção – e as duas irão se cruzar em pouco tempo – começam a se formar grupos, equipes, organizações de educadores, de artistas, de militantes políticos, de estudantes e de outras pessoas profissionais. E em pouco tempo eles se aglutinam em *centros* e em *movimentos* que irão tomar então o nome de “cultura popular”. *Centros Populares de Cultura* (os CPCs, sobretudo estudantis) e os *Movimentos de Cultura Popular*. Dada a importância do Nordeste em todo este processo, celebra-se no Recife, em 1963, o *Primeiro Encontro Nacional de Cultura Popular*.

Novas e inovadoras experiências brotam em todas as vocações e domínios da educação. Algumas delas inovavam apenas a dimensão propriamente interativa e pedagógica dos trabalhos escolares, como as que foram abertas a partir de uma fantástica e crescente inovação nas teorias e práticas pedagógicas e de ação comunitária. Novos olhares e novas idéias sobre o lugar das pessoas como todas e todos nós na vida social, na ação política, na educação.

Idéias e experiências que ousavam ir muito além de tudo o que fora praticado antes. Práticas sociais e propostas pedagógicas que reclamavam para a educação uma dimensão cultural, uma vocação social e uma responsabilidade política até então nunca vistas. A escola-nova, a escola-aberta, a escola-ativa, a escola-viva, o ensino-centrado-no-aluno, a educação dialógica, a dinâmica de grupos, o psicodrama, a reinvenção da cultura como espaço e cenário de ação social transformadora, os círculos de cultura, as pesquisas de vida e de realidade social centradas nos interesses e na participação das comunidades.

Desde 1960 Paulo Freire está ligado a toda esta aurora de inovações. “Criar”, “inovar”, “inventar”, “mudar”, “transformar”, “revolucionar”, “humanizar” serão outros tantos verbos de sua vida inteira. A começar pelas experiências pioneiras de alfabetização no Recife e em Angicos, no Rio Grande do Norte, até os trabalhos também pioneiros junto ao setor de educação da Prefeitura Municipal de Recife, Paulo Freire será um dos militantes mais presentes em todo o trabalho de *cultura popular* que em pouco tempo os “anos sessenta” instauram de Norte a Sul do Brasil.

Em pouco tempo ele virá a ser uma das pessoas cujas idéias serão mais ouvidas, mais dialogadas e mais postas em prática. De então em diante fica impossível pensar e praticar uma educação com vocação ao mesmo tempo popular - por oposição aos modelos autoritários e também os populistas dos anos 50 - e humanamente emancipadora, sem que ela de alguma maneira não ela esteja associada às palavras de Paulo Freire, seus companheiros de equipe e outros tantos pensadores e militantes de teorias e práticas da *educação popular*.

Sabemos que do começo dos anos 60 para a frente, antigas e novas vocações da educação serão retomadas ou descobertas. E entre elas estarão presentes as marcas do desejo de levar o ofício de ensinar-e-aprender para muito al[em de suas estreitas fronteiras tradicionais. A educação se associaa a todos os grandes projetos de libertação da pessoa humana e de novas alianças entre o homem e a natureza: “educação para a paz”, “educação e direitos humanos”, “educação para o desenvolvimento”, “educação libertadora”, “educação popular”, “educação cidadã”, “educação comunitária”, “educação ambiental”.

Assim, os próprios títulos que ao longo de sua carreira Paulo Freire foi colocando na capa e nas páginas de seus livros mais importantes, traduzem a ousadia deste múltiplo desafio posto diante da educação. Ali as palavras: “pedagogia” e “educação” irão aparecer seguidas de outras palavras. Serão palavras que ora evocarão o seu destinatário principal, como em *Pedagogia do Oprimido*, ora lembrarão o nome de um compromisso com o presente e o futuro de que o verdadeiro educador não deverá fugir: *Educação e Atualidade Brasileira*, *Educação como Prática da Liberdade*, *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia da Indignação*, *Pedagogia da Autonomia*.

Acompanhemos os seus passos.

Recife, Nordeste, Brasil: os começos da e a criação de uma nova pedagogia: a educação como prática da liberdade

Estamos em 1959.

Depois de oito anos de trabalho lá. Paulo Freire deixa o *SESI* onde começara a trabalhar em 1946. Entre ele acaba de escrever o seu primeiro estudo sobre a educação brasileira. Presta concurso para a Universidade do Recife, defendendo então a tese: *educação e atualidade brasileira*. Um jovem que quase não conseguiu concluir os estudos escolares por causa das condições financeiras de sua família, ingressa afinal como um professor no mundo universitário.

Um mundo conhecido e, ao mesmo tempo, em alguma coisa novo para ele. Um mundo de outras salas de aulas, de cenários de pesquisas e de serviços de extensão social que ele viveu em diferentes cidades, primeiro do Brasil e, depois, de outros países, em outros continentes. Logo no início de sua carreira, ele participa da criação do *Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife* e é o seu primeiro diretor. Em janeiro de 1961 ele toma posse da cadeira de *Filosofia e História da Educação*, e também neste ano assume um lugar no *Conselho Estadual de Educação de Pernambuco*.

Mas não é por causa de uma atividade propriamente acadêmica e científica que ele irá se tornar tão querido e tão conhecido. Seu caminho foi outro. Desde o começo da carreira de

educador, o professor Paulo escolheu envolver a sua vida com experiências no âmbito de uma pedagogia dedicada à alfabetização e à educação de jovens e adultos das camadas sociais mais pobres. Homens e mulheres deixados à margem do sistema de educação escolar e, quando adultos, iletrados ou semi-alfabetizados, foram as pessoas a quem ele destinou o melhor de seu tempo e de seu saber.

Como Oswaldo Cruz, como Josué de Castro, como Nise da Silveira, como os irmãos Villas-Boas, como Câmara Cascudo, como Helder Câmara, e como outros tantos brasileiros ora lembrados, ora quase esquecidos, ele completou estudos universitários para depois voltar-se ao exercício de trabalhos aparentemente sem importância, dadas as pessoas a quem ele se desina, mas, na verdade, quase sempre os mais essenciais. Como sanear os bairros pobres de uma cidade; como criar uma vacina, como lutar contra a fome dos sem-trabalho; como dedicar-se a reconquistar as terras ancestrais de povos indígenas; como inventar formas dignas de tratar doentes mentais; ou como elaborar e por em prática um novo meio de alfabetizar adultos pobres e iletrados.

E foi através de sua atuação como educador-alfabetizador que Paulo Freire acabou sendo reconhecido entre as universidades e entre outros centros de ensino superior e de pesquisas do mais alto nível, aqui no Brasil e em todo o mundo. Em cerca de vinte anos ele colecionou inúmeros títulos e mereceu vários prêmios nacionais e internacionais pelo seu trabalho como educador. Ao longo de sua vida ele recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* oferecido por mais de quarenta universidades do Brasil e de vários outros países. Este galardão magno das academias somente é outorgado a pessoas cujo trabalho científico ou pedagógico é reconhecido como do mais extremo valor.

As idéias e as propostas concretas de Paulo Freire para uma educação humanista, assim como o seu método de alfabetização seguem até hoje sendo o fundamento de trabalho de inúmeros educadores. E são também temas de inúmeros artigos científicos, livros pedagógicos, teses e simpósios de estudos sobre a educação. Contam-se às centenas as dissertações em várias línguas sobre suas idéias e trabalhos. A bibliografia de estudos brasileiros e internacionais a respeito da “obra de Paulo Freire” é uma das mais amplas dentro todas as que foram dedicadas a educadores do século XX¹⁴. Aqui entre nós e fora do Brasil, não são poucas as instituições educacionais e as associações de estudantes ou de docentes que levam o seu nome. Existem

¹⁴ Uma relação bastante criativa e completa de trabalhos *de e sobre* suas idéias pode ser encontrada nas páginas de: **Paulo Freire – uma bibliografia**, coordenador por Moacir Gadotti e editado através parceria entre o Instituto Paulo Freire, a Editora Cortez, o Ministério de Educação e a UNESCO. Em sua primeira edição o livro foi publicado em São Paulo, no ano de 1996. Mas esta relação não é totalmente atualizada, pois a cada ano novos estudos sobre Paulo Freire seguem sendo publicados em todo o mundo. Até onde isto é possível, o próprio Instituto Paulo Freire tenta atualizar a relação bibliográfica brasileira e internacional.

vários centros e institutos “Paulo Freire” espalhados por vários países e dedicados ao aprofundamento e à difusão de suas idéias e da educação popular.

Ler palavras e ler o mundo: o método de alfabetização Paulo Freire

Entre todas, a maior contribuição prática do professor Paulo foi a criação de um método inovador para a alfabetização de jovens e adultos não-escolarizados. Em 1962 o governador do Rio Grande do Norte o convida e à sua equipe para testarem em uma região do sertão do Nordeste o seu método de alfabetização. A pequena cidade de Angicos é escolhida e ali se vive, ao redor de um primeiro “círculo de cultura”, o começo de um trabalho que promete alfabetizar adultos iletrados em quarenta horas. E os primeiros resultados são muito animadores. Antes dele uma experiência piloto havia sido realizada em um bairro do Recife. Ela deveria ser estendida de Angicos a Natal. Deixemos que Paulo fale sobre o que foram estas experiências pioneira.

Aceitas pelo Sr. Governador do Estado as nossas exigências para realizarmos a primeira etapa do sistema – a de não interferência partidária, a da independência técnica, de fazermos uma educação que se voltasse para a libertação do povo, para a sua emancipação interna e externa -, iniciamos a preparação das equipes que atuariam em Angicos e em Natal.

Trezentos homens eram alfabetizados em Angicos em menos de 40 horas. Não só alfabetizados. 300 homens se conscientizavam e se alfabetizavam em Angicos. Trezentos homens aprendiam a ler e a escrever, e discutiam problemas brasileiros¹⁵.

Existem muitos métodos de alfabetização e de escolarização primárias de jovens e de adultos. O que haveria de tão novo e diferente assim no “Método Paulo Freire?”

Há mais de 15 anos vínhamos acumulando experiências no campo da educação de adultos, em áreas proletárias e subproletárias, urbanas e rurais.

...

Sempre confiamos no povo. Sempre rejeitamos fórmulas doadas. Sempre acreditamos que tínhamos algo a permutar com ele, nunca exclusivamente a oferecer-lhe. Experimentamos métodos, técnicas, processos de comunicação. Retificamos erros. Superamos procedimentos. Nunca, porém, sem a convicção que sempre tivemos de que só nas bases populares e com elas poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas.

¹⁵ O artigos de Paulo Freire de onde esta passagem foi tirada, chama-se: *conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo*. Ele foi publicado originalmente entre as páginas 5 e 22 da **Revista de Cultura da Universidade do Recife**, no número 4, de abril/junho de 1963. Anos mais tarde o mesmo artigo de Paulo Freire e mais os três outros de pessoas de sua equipe de alfabetizadores, foram republicado em um livro coordenado pelo professor Osmar Fávero. O livro se chama: **Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta**. Foi editado pela Graal, do Rio de Janeiro, em 1983. A passagem escrita aqui está na página 124 do livro.

É desta maneira que em dos seus primeiros escritos sobre os trabalhos de alfabetização de adultos dentro dos marcos da educação libertadora e da cultura popular, Paulo Freire comenta os passos dados na criação de seu método de letramento de jovens e adultos¹⁶. Ele é uma alternativa de educação centrada em re-integrações perdidas:

- a) a da alfabetização no todo de um processo contínuo e permanente de educação que deveria acompanhar a pessoa por toda a vida;
- b) a da educação no todo da cultura da qual, como um sistema simbolicamente social, ela faz parte, interagindo com vários outros de seus domínios, em uma sociedade e entre sociedades;
- c) a da pessoa-que-ensina e a da pessoa-que-aprende como sujeitos de um mesmo processo, como participantes ativos, dialógicos e culturalmente iguais, na qualidade de integrantes de uma “turma de alunos” transformada em uma “equipe de estudantes” reunidos em um “círculo de cultura” desde onde criam o seu próprio saber;
- d) a da comunidade aprendente do “círculo de cultura” na vida cotidiana de sua comunidade, através de um repensar crítico e criativo sobre a sua condição social e de um envolvimento crescente com as alternativas de sua transformação.

Como era então e como funcionava o *Método de Alfabetização Paulo Freire*? Deixemos que ele mesmo nos conte.

Ao invés da escola noturna para adultos, em cujo conceito há certas conotações um tanto estáticas, em contradição, portanto, com a dinâmica do trânsito, lançamos o círculo de cultura. Como decorrência superamos o professor pelo coordenador de debates. O aluno pelo participante do grupo. A aula, pelo diálogo. Os programas põe situações existenciais, capazes de, desafiando os grupos, leva-los, pelos debates das mesmas, a posições mais críticas¹⁷.

Procure por um momento imaginar como este novo “método” é vivido.

Imagine um lugar de estudos onde professor e alunos não estão um diante dos outros, enfileirados em linhas, e sentados passivamente em carteiras, mas num círculo onde todos estão ao lado do outro e à mesma distância do centro.

Imagine um professor que ao invés de chegar diante de seus alunos com uma cartilha já toda escrita e trazida de longe, e com uma aula “pronta”, se ponha a trabalhar com os outros “participantes do círculo” a partir de um material de estudo que eles próprios prepararam como um primeiro momento de sua própria alfabetização. Um material constante de palavras e

¹⁶ Está na página 111 do mesmo artigo, no mesmo livro.

¹⁷ Na página 115.

imagens, que fala a linguagem da cultura do lugar e que tem tudo a ver com as vivências e os problemas da vida cotidiana das mulheres e dos homens do lugar.

Imagine uma “aula” que ao invés de ter um professor que sabe e uma “turma de alunos” que não sabe (ou pensa que não sabe), faça interagir uma ativa equipe de pessoas onde “quem ensina sempre aprende também, e onde quem aprende sempre tem algo a ensinar”. Um lugar onde ninguém ensina a ninguém, mas todos aprendem com e entre todos. E se ensinam e aprendem na mesma medida em que dialogam e intertrocam os seus saberes, os seus valores, as suas sensibilidades, as suas experiências de vida.

Imagine uma educação alfabetizadora onde ao invés de se aprender apenas a ler-e-escrever palavras de uma maneira instrumental e mecânica, aprende-se a dialogar com os outros “ao vivo e a cores”, e também com os textos escritos. Aprende-se a ouvir e a falar, ao mesmo tempo em que se aprende a ler e a escrever. Aprende-se a “dizer a sua palavra”, como gostava tanto de repetir Paulo Freire, e a ouvir a palavra do outro. E, assim, aprende-se a ler de maneira pessoal, crítica e criativa, também a realidade do mundo da vida que se vive. Aprende-se a compreender como é este mundo da vida e como ele poderia ser transformado para ser bem melhor, se todos se unissem para fazer algo nesta direção.

Imagine um lugar onde a educação esteja dirigida não apenas à mente e à racionalidade das pessoas, mas em todo delas. Como isso é possível? Paulo Freire foi um dos principais divulgadores da idéia de que não só aprendemos sempre uns com os outros, uns através dos outros, mas aprendemos envolvendo nisto tudo o que somos. Se pudéssemos brincar um momento com a letra “esse”, bem poderíamos lembrar que aprendemos: com as nossas *sensações* (visão, audição, olfato, tato e tudo o mais), com as nossas *sensibilidades* (afetos, emoções, sentimentos), com os nossos *saberes* (tudo o que aprendemos antes e integramos em nós como “aquilo que sabemos), com os nossos *sentidos* de vida (os valores, os princípios, os preceitos que nos dizem quem somos, como devemos ser e como devemos conviver), os nossos *significados* (as idéias que temos sobre o mundo em que vivemos e sobre como ele deveria ser) e as nossas *socialidades* (a nossa vocação de criarmos juntos o mundo em que vivemos e de o transformarmos, para vivermos nele). Aprendemos o tempo todo com o todo que somos: corpo e espírito, razão e imaginação, racionalidade e sentimento, individualidade e partilha com os outros. Imagine tudo isto e você poderá compreender os princípios das inovações do “Método Paulo Freire”.

Deixemos que ele nos liste sumariamente as fases de preparação de seu método, em cada situação em que ele vai ser posto em prática.

- I. *Levantamento do universo vocabular do grupo.*
- II. *Seleção, neste universo, dos vocábulos geradores.*
- III. *Criação de situações existenciais típicas do grupo que vai se alfabetizar.*
- IV. *Criação de fichas-roteiro, que auxiliam os coordenadores de debate no seu trabalho.*
- V. *Feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores¹⁸.*

Chamemos agora a educadora Ana Maria Araújo Freire para completar a listagem das fases iniciais do método. Lembremos que o trabalho de “aprender a ler e escrever” começa com uma pequena pesquisa local feita entre o coordenador e os participantes do “círculo de cultura”. Conversando com pessoas do lugar, são feitos levantamentos das palavras mais fortes e mais usuais. Essa são as palavras geradoras que irão ser utilizadas durante todo o processo de aprendizagem. Eis como Nita Freire descreve o que acontece então.

As atividades de alfabetização exigem a pesquisa do que Freire chama “universo vocabular mínimo” entre os alfabetizandos. É trabalhando este universo que se escolhem as palavras que farão parte do programa. Estas palavras, mais ou menos dezessete, chamadas “palavras geradoras”, devem ser palavras de grande riqueza fonêmica e colocadas, necessariamente, em ordem crescente, das menores para as maiores dificuldades fonéticas, lidas dentro do contexto mais amplo da vida dos alfabetizandos e da linguagem local, que por isto mesmo é também nacional.

A decodificação da palavra escrita, que vem em seguida à decodificação da situação existencial codificada, compreende alguns passos que devem, rigorosamente, se suceder.

Tomemos a palavra TIJOLO, usada como a primeira palavra em Brasília, nos anos 60, escolhida por seu uma cidade em construção, para facilitar o entendimento do(a) leitor(a).

1º) Apresenta-se a palavra gerador “tijolo” inserida na representação de uma situação concreta: homens trabalhando numa construção;

2º) Escreve-se simplesmente a palavra
TIJOLO

3º) Escreve-se a mesma palavra com as sílabas separadas
TI - JO - LO

4º) Apresenta-se a “família fonêmica” da primeira sílaba
TA – TE – TI – TO – TU

5º) Apresenta-se a “família fonêmica” da segunda sílaba
JÁ – JE – JI – JO – JU

6º) Apresenta-se a família fonêmica da terceira sílaba
LA – LE- LI – LO – LU

¹⁸ Nas páginas 119 e 120.

7º) *Apresentam-se as “famílias fonêmicas” da palavra que está sendo decodificada*

TA – TE- TI – TO –TU
 JA – JE – JI - JÔ – JU
 LA – LE –LI –LO – LU

Este Conjunto de “famílias fonêmicas” da palavra geradora foi denominado “ficha de descoberta” pois ele propicia ao alfabetizando juntar os “pedaços”, isto é, fazer dessas sílabas novas combinações fonêmicas que necessariamente devem formar palavras da língua portuguesa.

8º) *Apresentam-se as vogais:*

A – E- I – O – U

Em síntese, no momento em que o(a) alfabetizando(a) consegue, articulando as sílabas, ele ou ela está alfabetizado(a). O processo requer, evidentemente, aprofundamento, ou seja, pós-alfabetização.

A eficácia e validade do “Método” consistem em partir da realidade do alfabetizando, do que ele já conhece, do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de sus situações existenciais. Respeitando o senso comum e dele partindo, Freire propõe a sua superação.

O “Método” obedece às normas metodológicas e lingüísticas, mas vai além delas, porque desafia o homem e a mulher que e alfabetizam a se apropriarem do código escrito e a se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo.

O “Método” nega a mera repetição alienada e alienante de frases, palavras e sílabas, ao propor aos alfabetizandos “ler o mundo” e “ler a palavra”, leituras, aliás, como enfatiza Freire, indissociáveis. Daí ter vindo se posicionando contra as cartilhas¹⁹.

Paulo Freire e a sua “equipe nordestina” trabalham agora intensamente associados aos *movimentos de cultura popular*. Lembremos que estamos ainda dentro dos anos sessenta. Dois anos antes do começo desta década, Paulo Freire é um relator de um documento da *Comissão Regional de Pernambuco* a respeito da educação no Estado. Em “A Educação de Adultos e as Populações Marginais”, escrito antes de amadurecer as suas idéias mais originais sobre a educação, ele já se revela como um pensador bastante progressista.

Mais adiante ele participa no Recife da fundação de um primeiro *Movimento de Cultura Popular*”. E ele será o modelo para vários outros que do Nordeste a Norte e ao Sul

¹⁹ Estas passagens sobre o Método Paulo Freire foram tomadas do primeiro artigo do livro **Paulo Freire – uma biobibliografia**. O livro, um trabalho exaustivo e escrito a múltiplas mãos, foi coordenado por Moacir Gadotti. Foi publicado através de uma parceria entre a Editora Cortez, o Instituto Paulo Freire e a UNESCO em sua representação no Brasil. Foi editado em São Paulo, em 1996. O artigo de Ana Maria Araújo Freire é: *A voz da esposa – a trajetória de Paulo Freire*. As citações tomadas estão nas páginas 38, 39 e 40.

espalham-se por todo o Brasil. Após as experiências pioneiras com o seu método de alfabetização, a equipe é chamada a Brasília pelo então recém-empossado ministro da educação, Paulo de Tarso Santos. Um novo desafio abre-se diante deles: implantar o *Programa Nacional de Alfabetização*. Pensar um programa de alfabetização em escala nacional e estender sobretudo às regiões mais pobres e mais precárias quanto á educação, os promissores resultados nordestinos com a aplicação do “Método Paulo Freire de Alfabetização”.

Os quatro primeiros anos dos “sessenta” valem por um período de uma mais intensas ativações de crítica e de criatividade social no Brasil. Nos campos das artes, das ciências, das ações sociais de vocação transformadora e da educação, como uma delas, em raras ocasiões estudou-se tanto, inovou-se tanto, debateu-se tanto, experimentou-se tanto. Uma imensa parcela do que vieram a ser, anos após o golpe militar de 1964, as criações de uma nova educação, as experiências brasileiras e latinoamericanas de ação social, a instauração de movimentos sociais e de frentes populares de causas e de lutas, a nova “música popular brasileira”, o cinema novo, as novas literaturas, o teatro popular, nasce nesta curta, esperançosa, sofrida e tão ainda presente época. Paulo Freire habita um dos seus focos centrais. Pagará caro por esta ousadia.

Os anos do exílio: a pedagogia do oprimido

Quando o *Programa Nacional de Alfabetização* estava quase pronto para ser posto em marcha, o golpe militar de 1964 o atropelou. Criado por decreto-lei em janeiro deste ano, ele foi extinto em abril. Os *movimentos de cultura popular* foram de imediato colocados sob suspeita, assim como outros movimentos e frentes de mobilização e de luta no campo e na cidade. As idéias e as propostas político-pedagógicas de Paulo Freire já eram então bastante conhecidas. Dentro de um amplo projeto de ***cultura popular*** que em todo o País entusiasmava e mobilizava artistas, estudantes, educadores, cientistas, religiosos e educadores, além de inúmeras lideranças populares, o professor Paulo em pouco tempo tornou-se uma referência essencial. E foi a ousadia de suas propostas o que justamente o que o levou ao exílio.

Ainda no ano de 1964 por duas vezes Paulo Freire é chamado a “explicar-se” junto aos coronéis, respondendo a um inquérito policial-militar. Com 43 anos, quatro filhos, uma carreira promissora pela frente e o sentimento de que cada uma de suas palavras e gestos tinha agora um profundo sentido político, pedagógico, cultural e humano, ele se asila na Embaixada da Bolívia e, depois, no país que abriu para ele portas de acolhida além dos Andes.

Era o mês de setembro. Talvez num primeiro momento Paulo, Elza e os quatro filhos imaginavam que aquele seria um exílio accidental e breve. Que logo adiante, serenados os ânimos e reduzida a fúria dos militares e seus aliados, os brasileiros fora do País seriam de novo

chamados a voltar ao lar e ao trabalho. A família retornaria ao Brasil apenas em 1979, treze anos após haver partido às pressas e “com a roupa do corpo”.

Viver na altitude de La Paz afeta a sua saúde e lhe deixa marcas. Tão logo pode, transfere-se para o Chile e vive em Santiago de novembro de 1964 a abril de 1969. Logo após chegar ao novo país latino-americano de acolhida, Paulo recomeça a trabalhar como o que sempre fora: um educador. Como ele mesmo disse e repetiu em várias ocasiões: há vocações que não conhecem fronteiras e o trabalho em prol do povo não tem pátria, porque é de todas elas e de todos os povos da Terra. No entanto nos primeiros anos de exílio Paulo ainda não alcançou reconhecer-se como o “cidadão do mundo” que viria a ser daí em diante.

No Chile, país onde chegou por terra e pelo Norte, da fronteira da até a cidade de Arica, Paulo Freire pode finalmente realizar o que sonhou fazer no Brasil: participar de um programa de educação popular durante um tempo intenso e prolongado. Estabelecer metas, definir propostas, formar pessoal, acompanhar processos e avaliar resultados. Ele é agora, em Santiago, um assessor do *Instituto de Desarrollo Agropecuario* e do Ministério da Educação. Durante um fértil período, foi também consultor do *Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agrária*, trabalho que realizou pela *UNESCO*²⁰.

Eram no Chile os tempos do governo democrático de Eduardo Freire, seguido pelo breve e desafiador governo de Salvador Allende. E é neste raro clima de liberdade e de criatividade social em um país latino-americano, que várias experiências renovadoras no campo da ação social e da educação são em pouco tempo levadas a efeito. Não por muito tempo. Em 1973 o sangrento golpe militar liderado por Augusto Pinochet arrasa em pouco meses as bases de uma das tentativas mais promissoras de transformação social no continente sul-americano.

Uma poética referência de Paulo Freire recorda os seus “tempos de Chile”.

*Um sonho que tenho, entre um sem-número de outros, é “semear” palavras em áreas populares, cuja experiência popular não seja escrita, quer dizer, áreas de memória preponderantemente oral. No Chile, quando lá vivi no meu tempo de exílio, os “semeadores de palavras” em áreas de reforma agrária foram os próprios camponeses alfabetizando, que as “plantavam” nos troncos das árvores, às vezes, no chão dos caminhos*²¹

Paulo Freire não assistiu à desastrosa queda do governo democraticamente socialista de Salvador Allende. Completado o seu tempo de trabalho como um educador exilado no Chile, ele transfere com a família para os Estados Unidos da América do Norte. Não seria ainda o

²⁰ Vários anos mais tarde Augusto Nivaldo Silva Triviños e Balduino Antônio Andreola publicam um livro dedicado às experiências de dois brasileiros exilados no Chile: Ernani Maria Fiori e Paulo Freire. O livro foi publicado pela Editora Ritter dos Reis, de Porto Alegre, em 2001, e tem o nome: ***Freire e Fiori no Exílio – um projeto pedagógico-político no Chile***.

²¹ Está na página 174 de ***Freire e Fiori no exílio***, com a seguinte indicação dos autores, ao final da citação: (a educação na cidade, pg. 23).

último país de acolhida e nem o último continente de sua peregrinação fora do Brasil. Vive em Cambridge, Massachussets menos de um ano, dando aulas de educação e, pela primeira vez, levando a um país mais distante as suas idéias através da conhecida *Universidade de Harvard*.

Meses depois ele recebe um convite que o levará à Europa e a cidade de Genebra, na Suíça. Paulo Freire é convidado para trabalhar no setor de educação do *Conselho Mundial de Igrejas*, uma instituição de integração entre igrejas evangélicas. Esta longa experiência de estudos, diálogos e trabalhos que tomará todo o seu tempo de exílio, de 1969 até o seu retorno ao Brasil, quase dez anos depois, trará ao educador brasileiro um duplo sentido de “cidadania mundial”. Em uma direção ele é levado a viajar continuamente aos cinco continentes. Visitará e dialogará com educadores de inúmeros países. Nações recém-libertadas da África o receberão em muitas ocasiões e a influência do eu ali se vive e pensa será muito importante em sua vida, de então em diante. Em diferentes ocasiões ele falará a pessoas de países e línguas distantes, sobre as suas idéias e propostas. Em alguns destes países terá a oportunidade de trazer a contribuição de seu “método” a programas de alfabetização e de outros níveis de educação de jovens e de adultos.

Uma palavra entre outras passa a fazer parte e seu vocabulário de todos os dias: saudade. Talvez poucos exilados tenham convivido com ela com a intensidade com que ela habitou a pessoa de Paulo.

Saudade é exatamente a falta da presença. Saudade era a falta da minha rua, a falta das esquinas brasileiras, era a falta do céu, da cor do céu, da cor do chão, o chão quando chove, o chão quando não chove, da poeira que levanta no Nordeste quando a água cai em cima da areia, da água morna do mar. Eu tinha que reprimir essa saudade. E mesmo para criar, eu precisava Ter essa saudade comportada²²

Há mais. Os seus estudos e livros começarão a ser traduzidos para as mais diferentes línguas. Paulo completa longe do Brasil o seu estudo mais importante e o mais traduzido. Em mais de vinte línguas diferentes do *Pedagogia do Oprimido* será lido e debatido por educadores e ativistas sociais de todo o mundo.

E de então em diante não será mais viável o pensar uma educação libertadora e transformadora, sem trazer ao debate as idéias de Paulo Freire. Não seria esta a primeira vez em que uma pessoa de ação e de pensamento precisaria ser exilada de sua nação para voltar um dia a ela, depois de tornar-se uma referência em muitos outros países.

²² Está na página 42 do livro escrito pela professora Vera Barreto, sobre Paulo Freire.

Anos depois do seu retorno ao Brasil, em uma entrevista com frei Betto, Paulo Freire lembra o que foram os longos de exílio e procura tirar deles o melhor proveito. Eis o que ele disse:

Para mim o exílio foi profundamente pedagógico. Quando, exilado, tomei distanciado Brasil, comecei a compreendê-lo melhor. Foi exatamente ficando longe dele, preocupado com ele, que me perguntei sobre ele. E, ao me perguntar sobre ele, me perguntei sobre o que fizeram com outros brasileiros, milhares de brasileiros da geração jovem e da minha geração. Foi tomando distância do que fiz, ao assumir o contexto provisório, que pude melhor compreender o que fiz e pude melhor me preparar para continuar fazendo algo fora do meu contexto e também para me preparar para uma eventual volta ao Brasil²³.

O retorno de um educador sem fronteiras: as pedagogias de Paulo Freire

E o dia da “eventual volta” chegou afinal.

Em junho de 1979 Paulo retorna com um passaporte provisório ao Brasil. Recebe um convite para ser professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma escola de pensamento que se notabilizou como dos principais centros de resistência intelectual aos governos militares. Em junho de 1980 ele retorna com a família definitivamente. Não para Recife e Pernambuco, como sonharam antes, dadas as condições políticas do País. A família se estabelece em São Paulo e nesta cidade Paulo viverá toda a sua “vida de retorno do exílio”.

Em 1º de abril de 1964 o educador foi demitido pelo governo militar instaurado de seus cargos na Universidade do Recife. Em junho de 1980 ele retoma a vida de professor universitário no Brasil, primeiro na PUC de São Paulo e, depois, também na Universidade Estadual de Campinas.

Tal como aconteceu no início de sua carreira em Pernambuco, também em São Paulo ele não irá limitar o seu trabalho de professor e de educador ao âmbito da universidade e do ensino superior. Ao contrário, sua vocação continua a ser a de dedicar-se à alfabetização e à educação de qualidade das pessoas deixadas à margem da vida e da escola. Sua fidelidade mais intensa continuará sendo para com os grupos e movimentos populares. Já adoentado, quantas vezes Paulo Freire deixará o conforto de São Paulo e as salas da PUC para ir conviver suas ideias e imagens com assentados da Reforma Agrária, em algum recanto rural distante.

Um convite da Prefeitura do Município de São Paulo devolve o educador a caminhos traçados no Recife, num distante ano anterior a 1964. Em 1º de janeiro de 1989 Paulo é empossado como secretário de educação. Do curto é fecundo período em que esteve no cargo, assim fala Ana Maria Araújo Freire.

²³ Está na página 56 do livro: *Essa Escola Chamada Vida*, de frei Betto (Carlos Alberto Libânio).

Suas decisões políticas, nascidas de sua própria teoria e de suas práticas de educador pelo mundo – não seria exagero dizer do mundo - , como também nascidas da práxis educativa das pessoas da equipe técnica que o assessorou, as quais traduziam a vontade e a necessidade das comunidades, marcaram, indelevelmente, a educação da rede de ensino do município e São Paulo. Assim, “seu” trabalho foi profícuo, “mudando a cara da escola”, como costuma dizer, como costuma dizer. Reformou as escolas, entregando-as às comunidades locais dotadas de todas as condições para o pleno exercício das atividades pedagógicas. Reformulou o currículo escolar para adequá-lo também às crianças das classes populares e procurou capacitar melhor o professorado em regime de formação permanente. Não se esqueceu de incluir o pessoal instrumental da escola como agente educativo, formando-o para desempenhar adequadamente tal tarefa. Eram os vigias, as merendeiras, as faxineiras, as(os) secretários(as) que, ao lado de diretores(as), professores(as), alunos(as) e pais de alunos. Faziam do ato de educar um ato de conhecimento, elaborado em cooperação a partir das necessidades socialmente sentidas²⁴.

A contribuição mais relevante de suas idéias e atividades ao longo de sua vida foi, sem dúvida alguma, a alfabetização. Paulo Freire e sua nova equipe trabalharam intensamente na criação de um *MOVA – Movimento de Alfabetização*. Em incontáveis locais populares da cidade São Paulo e de sua periferia um amplo programa solidário de educação de jovens e de adultos foi posto em marcha. Seu método de alfabetização, revisto e melhorado com a contribuição de outros especialistas em alfabetização e em educação de adultos, volta a ser trabalhado tantos anos depois das primeiras experiências do Nordeste.

De São Paulo para outras regiões de Brasil, a experiência do MOVA se multiplicaria de tal sorte que até hoje em várias municipalidades ela é a escolha para programas governamentais de alfabetização e de educação de jovens e adultos, em parceria com empresas e organizações da sociedade civil.

Em outubro de 1986 Paulo perde Elza, a companheira de vida, de educação e de exílio durante quarenta anos. Elza fora uma professora de sala de aulas e em vários momentos Paulo Freire confessou o quanto devia a ela a correção e o aprofundamento de algumas de suas idéias e, principalmente, de suas propostas de trabalho pedagógico.

Em março de 1988 ele se casa novamente. Como em uma dessas histórias antigas de amor, Paulo reencontra como colega de trabalhos na PUC de São Paulo, Ana Maria de Araújo. Ela é a filha de Aluizio Araújo, o professor que facultara ao menino Paulo a conclusão de seus estudos escolares. Foram amigos de infância e adolescência e se reencontraram muito anos mais tarde, no curso de Mestrado em Educação da PUC de São Paulo, ela, uma mestranda-orientanda e ele, um orientador de dissertação.

²⁴ Está na página 47 de *Paulo Freire – uma biobibliografia*.

Ao lado de Nita Freire, como ele a chamava sempre, Paulo viveu todos os anos de sua vida, até nos deixar em maio de 1997.

Em um dia do mês de maio de 1997, um jornal da França, lá na Europa, publicou uma carinhosa caricatura. Um homem de longos cabelos e barbas brancas, um velho de olhar jovem e doce aparece sentado numa cadeira apoiada numa nuvem. Dois pequeninos anjos-crianças estão sentados em suas pernas. Com um livro nas mãos brancas de giz ele ensinava os pequenos anjos a ler.

No dia 2 de maio de 1997 Paulo Freire nos deixou e foi ser professor em outros mundos. Tinha 76 anos, estava doente e cansado, parecia ter mais idade, mas viveu cada dia dos últimos meses com a doação e a lucidez de quem tivesse muito menos.

educar com o amor, educar para amar vida

Lembremos que os primeiros anos do menino Paulo foram vividos em uma casa no Recife. Uma casa dessas com os quartos grandes, as paredes altas sob um telhado onde do lado de fora dormiam pombas e andorinhas. Uma casa com quintal e com grandes mangueiras de frutas doces, galhos altos e uma sombra amiga. Foi lá que antes mesmo de entrar na escola, ele aprendeu a ler e a escrever.

Ora, em 1981, uns 55 anos depois de haver subido pela primeira vez numa árvore, o professor Paulo Freire descreveu em *A importância do ato de ler*, a velha casa e a sua vida ali. A presença da natureza desde então será muito forte.

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.

Tudo o que seria a matéria prima de sua vida de educador: “textos”, “palavras”, “letras” desde então serve para falar de um mundo natural que foi sempre para ele uma referência. O canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança das copas das árvores sopradas por fortes

ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. O mundo lhe aparecia no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims – no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura.

Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda a vez que um dos gatos incautamente do lugar em que se achava comendo e que era – “estado de espírito” o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó.

A natureza viva do Nordeste acompanhou Paulo por toda a vida. Quando anos depois de haver deixado o Recife Paulo Freire começou a achar que estava ficando velho, ele escreveu um livro de memórias, chamado *A sombra desta mangueira*. Na capa ele aparece desenhado, sentado numa cadeira, de óculos e barbas brancas, com uma mangueira bem copada por detrás dele. Vejam como ele fala das árvores e da saudade que tinha delas.

As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mis intensa ou menos intensa em função da resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem chega, inclusive os passarinhos multicores e catadores. A bichos, pacatos ou não, que nelas repousam.

Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não podia deixar de estar repleta de experiências de sombras, que as gentes nascidas nos tópicos cedo incorporam e dele falam como se tivessem nascido com ele²⁵. (está na página 15 do livro).

Na página 24 do mesmo livro ele volta a falar das árvores.

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares.

²⁵ Está na página 15 do livro que foi publicado pela Editora Olho D'Água, de São Paulo, em 1995.

Ana Maria Araújo Freire lembra a presença do mundo natural em Paulo Freire, falando sobre as árvores da infância.

Enfatizando “cores, cheiros, frutos”, Freire se refere às qualidades maiores das árvores e arbustos que até os anos 50 - antes de os arranha-céus inundarem de apartamentos a cidade – enchiam os quintais das moradias de qualquer bairro, independentemente da classe social que nele morasse, atraindo assim os pássaros. Coisas dos tempos que trazem saudade. Também habitam as lembranças de Paulo Freire, o cajá, a pitanga, carambola, araçá, mamão, umbu, graviola, pinha, sapoti, ingá, pitomba, mangaba, goiaba, banana, jabuticaba, romã, abacaxi... cujas polpas, refrescos e sorvetes até hoje deliciam a que não cedeu ao marketing dos refrigerantes.

***Eu gostaria
de ser lembrado
como alguém que amou o mundo
as pessoas, os bichos
as árvores
a água, a vida!***

andarilho da utopia e semeador da esperança

Na verdade o que Paulo Freire e sua equipe de educadores nordestinos sonharam criar não foi apenas um “método de alfabetização”. Ele seria apenas um segundo andar de todo um sistema de educação destinado às pessoas do povo. Um sistema pedagógico que começa pela educação de jovens e adultos, a partir da alfabetização, e que se estenderia de maneira orgânica e integrada, até chegar a uma verdadeira universidade popular. Suas etapas seriam estas: a) alfabetização infantil; b) alfabetização de adultos; c) ciclo primário rápido; d) extensão cultural; Instituto de Ciências do Homem (pensado para funcionar inicialmente na Universidade do Recife); e) Centro de Estudos Internacionais. Estas etapas interativas constituiriam a base de uma Universidade Popular.

Sob a responsabilidade de um governo democrático, o *Sistema Paulo Freire de Educação* foi pensado para facultar a homens e mulheres deixados fora da escola quando crianças e jovens, ou que por força da vida abandonaram as salas de aulas nas primeiras séries, o acesso a todos os níveis de uma educação completa e de qualidade. Uma educação competente em sua formação humana. Uma educação que desenvolvesse além de habilidades para o trabalho, a mente e a vontade de pessoas amorosa, solidárias, críticas, criativas e dispostas a participarem da transformação de suas vidas e suas sociedades. Pois se a educação é um bem e um direito universal, ela deve ser destinada por igual a todas as pessoas e a todos os povos.

Paulo Freire é a história de uma vida inteira dedicada à educação. Mas a n[os, seus herdeiros, ele deixou uma lição rara de ser encontrada em outros educadores de seu tempo. Deixou-nos como herança a compreensão de que a educação não é uma “coisa” ou uma prática a ser mantida e preservada ao longo dos meses e dos anos. A educação existe para ser reinventada a cada dia. A cada momento e em cada experiência de seu acontecer, dentro e fora dos muros da escola. A vida deste professor pernambucano é a história de uma vida devotada a criar o “inédito viável, uma de “suas expressões favoritas. Tornar educação uma ousada utopia, a começar pela persistente crítica aos sistemas de ensinar-e-aprender impregnados de uma visão utilitária e meramente instrumental. Seu grande sonho de vida inteira foi o partilhar com outros a invenção do que nos primeiros tempos ele chamou de *educação libertadora, educação liberadora, educação popular, pedagogia do oprimido*. E que em seus últimos livros ele vai retraduzir como uma *pedagogia da esperança, pedagogia da indignação, pedagogia da autonomia*.

A variedade dos nomes que se sucedem nas capas de seus livros ou no coração de suas idéias traduz um mesmo ideal. O de tornar a educação um caminho destinado a servir aos povos e aos pobres do Brasil, formando-as para serem elas próprias as criadoras de culturas e sociedades construídas por pessoas conscientes, ativas e livres. Qual a herança de idéias e de feitos que Paulo Freire nos deixa? Quais os fundamentos da educação proposta por Paulo Freire?

O valor absoluto da pessoa humana.

Qualquer que seja o tipo de um governo e a vocação de uma sociedade, a pessoa humana é sempre o seu sujeito e a sua razão de ser. A pessoa constitui um valor irreduzível em si mesma e todos os projetos e todas as políticas sociais devem ter cada pessoa humana e todas as pessoas de um povo, de uma nação e de um estado como suas destinatárias essenciais.

A vocação humana ao diálogo.

Quem quer que sejam as pessoas, sempre a sua verdadeira vocação é a abertura ao encontro com o outro no diálogo entre seres iguais, livres e responsáveis por si mesmos, pelos outros e por seus mundos de vida e de trabalho. Cada ser humano é uma fonte de vida, de experiências pessoais e de saberes próprios que a torna única, como uma fonte original de valor e de conhecimento. Todo o saber, todo o aprendizado e toda a ação social entre pessoas, devem realizar-se sempre como vivências interpessoais e culturais de diálogos. E o fundamento do diálogo entre as pessoas não é outro senão o amor.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. ... Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os

*homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico*²⁶.

O diálogo como comunicação transformadora de consciências

Não somos apenas mentes que adquirem e acumulam informações e conhecimentos para permanecermos como sempre fomos. Somos sempre seres que transformam o que aprendem e conhecem em formas pessoais e dialógicas de consciência. A formação de consciências autônomas, críticas, criativas e amorosamente dialógicas é a razão de ser do aprendizado. E esta forma de aprendizado deve ser a razão de ser da educação. Pessoas não aprendem apenas para serem capacitadas através da informação. Aprendem para conhecerem. Pessoas não aprendem apenas para acumularem conhecimentos, mas para continuamente processarem saberes ativamente adquiridos como re-conhecimento pessoal e interativo de si mesmas, dos outros e do mundo. Conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsabilmente qual o sentido humano do que estou conhecendo.

O destino do conhecimento conscientizador como fonte de ação social transformadora

Uma das decorrências de uma mente consciente através do aprendizado em uma educação libertadora, é a consciência de que o mundo em que vivemos foi e segue sendo construído por ação de pessoas e de grupos humanos. Ele é uma criação humana, e se em um momento de sua história não corresponde a como deveria ser uma sociedade livre, justa e fraterna, cabe às pessoas que nele vivem, a partir das pessoas das camadas populares, realizarem a sua transformação. Aprendemos não somente para nos transformarmos continuamente, mas para transformarmos também o mundo em que vivemos.

A necessidade e a urgência de transformações sociais.

²⁶ Está na página 94 do livro mais conhecido e importante de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Ele foi publicado pela Editora Paz e Terra, de São Paulo em 1970. Existem várias edições posteriores e inúmeros artigos e livros que de um modo ou de outro comentam as idéias contidas no livro.

Existe um critério absoluto para determinar a qualidade de uma mudança ou transformação social: ela deve ser sempre humanizadora. Deve representar sempre e de maneira irreversível um acréscimo de valor humano. Um aumento condições através das quais as pessoas e todas as pessoas da vida social possam viver cada vez mais uma vida plena e feliz. Isto é: uma vida de qualidade, criativa, livre, co-responsável, e solidariamente partilhada em uma sociedade justa, democrática (de fato), igualitária, multicultural, não-excludente, justa e aberta à constante mudança.

O chamado a participação de todos e, de maneira especial, das pessoas do povo.

Em uma sociedade onde a imensa maioria das mulheres e dos homens pertence às camadas sociais populares, não apenas por isto são as pessoas do povo aquelas a quem devem ser destinados recursos e projetos destinados a reverter a sua própria condição de pobreza, exclusão e marginalidade. Mais do que isto, pessoas das camadas populares devem se tornar os próprios agentes ativos e críticos de sua formação, da transformação de suas culturas (modos de ser, de viver, de sentir, de criar e de pensar) a partir delas próprias e de seus valores e tradições, e em direção à transformação da própria vida social que constroem com seus saberes e trabalhos.

Em toda a pedagogia de Paulo Freire a educação deve ser uma ação cultural transformadora, sempre em todas as dimensões e em direção a um constante processo de humanização.

Uma educação para transformar.

Para transformar pessoas que sejam capazes de transformar os mundos de vida em que vivem e pensam a suas vidas.

Que Paulo Freire encerre este livro de imagens e palavras a ele dedicado.

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.

Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelam a um passado, de exploração e de rotina.

BIBLIOGRAFIA

ANDREOLA, Balduino Antônio, TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva
Freire e Fiori no Exílio – um projeto pedagógico-político no Chile.

FÁVERO, Osmar
Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta
1983, Edições GRAAL, Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo
Pedagogia do oprimido
1979, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo
Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido
2001, 10ª edição, Editora Paz e Terra, São Paulo

FREIRE, Paulo
conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo
in: *Cultura Popular e Educação Popular – memória dos anos sessenta.*

FREIRE, Paulo
À sombra desta mangueira
1995, Editora Olho D'Água, São Paulo

FREIRE, Paulo, BETTO, Frei
Essa escola chamada vida
1985, Editora Ática, São Paulo

FREIRE, Freire
Cartas a Cristina – reflexões sobre minha vida e minha práxis
2003, Editora da UNESP, São Paulo

GADOTTI, Moacir
Convite à leitura e Paulo Freire
1989, Editora Scipione, São Paulo

GADOTTI, Moacir
Paulo Freire – uma biobibliografia
1996, Editora Cortez/Instituto Paulo Freire/UNESCO, São Paulo

GADOTTI, Moacir
Pedagogia da Terra
2000, Editora Fundação Peirópolis, São Paulo

MELO NETO, João Cabral
Morte e Vida Severina – auto de natal pernambucano
In: *Serial e Antes,*
1997, Editora Record Rio de Janeiro

PNUD/ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
Relatório do desenvolvimento humano
1992, Nova York.